

Quando rezo é canto, quando canto é rezo: trajetória educativa de um Coletivo de Cantantes e Brincantes na Educação do Campo Kilombola¹

 Valéria Viana Labrea¹,  Daisy Regina de Souza Reis²

^{1, 2} Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Departamento de Estudos Especializados - FACED - Faculdade de Educação. Avenida Paulo Gama, s/n°. Porto Alegre - RS. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: valeria.labrea@ufrgs.br

RESUMO. Este artigo apresenta a descrição e análise de uma pesquisa cartográfica de construção de um cancioneiro de *rezos* entoados no terreiro em louvação aos Orixás. A cartografia (Deleuze & Guatari, 1995) é uma "pesquisa-intervenção" (Kastrup et al., 2015) que nos permitiu organizar coletivamente o cancioneiro da pesquisa Quando rezo é canto, quando canto é rezo como um mapa - ainda parcial - das manifestações culturais que ocorrem na Comunidade Kilombola Morada da Paz, ao mesmo tempo que nos permitiu um aprofundamento na Música Popular Brasileira para conhecer cantos que têm como tema a louvação aos Orixás. Como resultado desta pesquisa, além de um Cancioneiro que foi apresentado em diferentes espaços educativos durante três anos, organizamos oficinas com temas relacionados à Educação para as Relações Étnico-Raciais, Educação do Campo e Educação Quilombola. Relacionamos esses conteúdos a uma proposta de Educação do Campo Kilombola, a partir da articulação da Pedagogia do Movimento Sem Terra (Caldart, 2000) às Diretrizes da Educação Quilombola, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Pedagogia do Encantamento.

Palavras-chave: educação do campo, educação quilombola, educação para as relações étnico-raciais, cultura afro-brasileira, música popular brasileira.

When pray is singing, when singing is pray: educational trajectory of a Collective of Singing and Playing in the Kilombola Rural Education

ABSTRACT. This article presents the description and analysis of a cartographic research for the construction of a prayer song sung in the terreiro in praise of the Orixás. The cartography (Deleuze & Guatari, 1995) is an “intervention-research” (Kastrup et al, 2015) that allowed us to collectively organize the research songbook *When pray is singing, when singing is pray* as a map, though partial, of cultural events taking place in the Kilombola community Morada da Paz, at the same time that it allowed us to deepen in the popular Brazilian music to get to know songs that have as their theme the praise of the Orixás. As a result of this research, in addition of a cancionero that was presented in different educational spaces for three years, we organized workshops with themes related to education for ethnic-racial relations, rural education and Kilombola education. We relate these contents to a proposal for education in the Kilombola field, based on the articulation of the pedagogy of the landless movement (Caldart, 2000) to the Kilombola education guidelines, education for ethnic-racial relations and enchantment pedagogy.

Keywords: rural education, kilombola education, education for ethnic-racial relations, afro-Brazilian culture, popular Brazilian music.

Cuando rezo es cantar, cuando cantar es rezar: trayectoria educativa de un colectivo de canto y juego en la Educación Rural Kilombola

RESUMEN. Este artículo presenta la descripción y el análisis de una investigación cartográfica para la construcción de un cancionero de rezas entoadas en el terreiro en alabanza a los Orixás. La cartografía (Deleuze & Guatari, 1995) es una "investigación de intervención" (Kastrup et al, 2015) que nos permitió organizar colectivamente el cancionero de la investigación Cuando rezo es cantar, cuando cantar es rezar como un mapa - aún parcial - de las manifestaciones eventos culturales que tienen lugar en la Comunidad Kilombola Morada da Paz, al mismo tiempo que nos permitió profundizar en la Música Popular Brasileña para conocer canciones que tienen como tema el elogio de los Orixás. Como resultado de esta investigación, además de un Cancioneiro que se presentó en diferentes espacios educativos durante tres años, organizamos talleres con temas relacionados con Educación para las Relaciones Étnico-Raciales, Educación Rural y Educación Quilombola. Relacionamos estos contenidos con una propuesta de Educación en Campo Kilombola, basada en la articulación de la Pedagogía del Movimiento Sin Tierra (Caldart, 2000) a las Directrices de Educación Quilombola, Educación para las Relaciones Étnico-Raciales y Pedagogía del Encantamiento.

Palabras clave: educación rural, educación quilombola, educación para las relaciones étnico-raciales, cultura afro brasileña, música popular brasileña.

Introdução

Laroyê Bará
Abra o caminho dos passos
Abra o caminho do olhar
Abra caminho tranquilo para eu passar

Laroyê Eleguá
Tomba o mal de joelhos
só levantando o Ogó
Dobra a força dos braços que eu vou só

Laroyê Legbá
Guarda Ilê, Onã, Orum
Coba xirê deste funfum
Cuida de mim que eu vou pra te saudar!
Kiko Dinucci - Pade Onãⁱⁱ

Os caminhos que percorre um coletivo de cantantes e brincantes na construção de seu cancionário é o mote dessa reflexão. O Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo nasce no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza (EduCampo), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2015, dos encontros dos educandos e educandas, que nos intervalos das aulas cantam, dançam e reproduzem a sua tradução da místicaⁱⁱⁱ, que aprenderam com os movimentos sociais do campo.

O *cantante*, na nossa percepção, é um educador popular do campo, pois não é um cantor ou um músico, mas um educador que canta. "A própria ideia de cantantes provoca um deslocamento na ideia de quem é a pessoa autorizada a cantar, pois o educador em geral não é um

cantor, mas mesmo assim pede licença e canta, na sua voz e nas suas condições" (Labrea, Sousa & Ferreira, 2017, p. 7).

O *brincante* vem da tradição dos mestres e mestras da cultura popular, que são artistas populares itinerantes que percorrem o interior do Brasil e as diferentes ruralidades, dedicados aos folguedos tradicionais; onde podem cantar, dançar, tocar instrumentos, improvisar versos e cordéis, fazer brincadeiras em geral *em roda*. Com os brincantes, a brincadeira é levada de geração a geração pelos mais velhos aos mais novos - porque gente grande também brinca.

A escola do campo e a comunidade, nessa perspectiva, podem ampliar o espaço do brincar e do cantar e do ensinar pela cultura, através de tradições que atravessam a realidade dos educandos. A Pedagogia da Organização Coletiva, a Pedagogia da Cultura e a Pedagogia da História (Caldart, 2000) se articulam e se mostram como possibilidade de uma educação crítica, enraizada, emancipatória e transformadora, voltada ao reconhecimento e respeito à diversidade sociocultural e aos direitos humanos.

No Coletivo de Cantantes e Brincantes buscamos conhecer a cultura, a história e as manifestações culturais de três grupos em particular: kilombolas,

indígenas e assentados de reforma agrária. Essa escolha se deu em função das atividades de tempo-comunidade desenvolvidas por orientandas e grupo de pesquisa e extensão universitárias nas escolas do campo junto às populações do campo.

A escola do campo está situada na zona rural ou atende predominantemente as populações do campo: agricultores familiares, pecuaristas familiares, assentados e acampados da reforma agrária e atingidos por barragens, quilombolas, indígenas, agricultores e pescadores, silvicultores, extrativistas, trabalhadores assalariados rurais e outros que obtenham suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (RS, 2018).

Em nosso Coletivo notamos que, não obstante as Leis 10.639/2003 e 11645/2008 que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Brasil, 2003; 2008), muito pouco sobre essas culturas são estudadas com profundidade na EduCampo e nas licenciaturas em geral^{iv}.

Desde 2004 o Ministério da Educação (MEC), através do Conselho Nacional de Educação (CNE), instituiu as

Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação para as Relações Étnico-Raciais^v (ERER) e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004) que buscam normatizar e orientar a formulação de projetos empenhados "na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas" (Brasil, 2004, p.9).

Segundo o MEC, a ERER trata da "reeducação das relações entre negros e brancos, designada como relações étnico-raciais" (Brasil, 2004, p.13). A ERER procura corrigir a assimetria estrutural entre negros e brancos visando "a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros e das negras do país" (Brasil, 2004, p.13) A ERER impõe "aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime" (Brasil, 2004, p.14). Para isso, precisa estar presente nos currículos escolares e no currículo das licenciaturas.

No currículo da EduCampo, descrito no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), podemos entender que a ERER entra como um tema transversal^{vi} a ser trabalhado de forma interdisciplinar na etapa 5 do curso. Essa etapa tem o seguinte eixo temático^{vii}:

Diversidade cultural da contemporaneidade e Sucessão familiar: gênero, gerações e etnia é o tema gerador^{viii} a ser problematizado e debatido nas seguintes disciplinas: *Diversidade Cultural: perspectivas antropológicas; Psicologias da Aprendizagem: alteridade e gerações do campo; Educação em Ciências Naturais 9: Ciência no cotidiano; Desenvolvimento Rural; Matemática para as Ciências Naturais 3; Educação em Ciências Naturais 10: Espaços educativos; Seminários Integradores 5* (UFRGS, 2013, p. 13-19; 35-38).

Podemos entender, no contexto do PPC da EduCampo, que este seria um momento específico para falar sobre a diversidade que constituem as diferentes populações do campo, em particular aquelas com as quais desenvolvemos as atividades de tempo-comunidade: agricultores familiares, assentados e acampados da reforma agrária, kilombolas, indígenas, entre outros povos do campo. Ou seja, a EREER teria nesta etapa um espaço para ser problematizada. No entanto, uma leitura das ementas dos planos de ensino mostra que a EREER não é tematizada especificamente em nenhuma destas disciplinas^{ix}.

Uma estratégia dos(as) docentes do curso para inserir a EREER na trajetória educativa dos(as) discentes do curso foi

organizar grupos de pesquisa e extensão universitária, seminários e rodas de conversa, visitas às comunidades para desenvolver atividades pedagógicas dentro desta temática. Este artigo resulta deste esforço e descreve uma das diversas atividades desenvolvidas no decorrer do curso.

A Lei 10.639/2003 também instituiu o Dia Nacional da Consciência Negra em 20 de novembro. No âmbito universitário, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEAB) propôs em 2017 o programa de extensão Novembro Negro e o Coletivo de Cantantes e Brincantes foi convidado a compor a programação "com o objetivo de fortalecer a luta diária pela igualdade étnico-racial no ambiente acadêmico" (UFRGS, 2019).

Para participar do Novembro Negro, o Coletivo de Cantantes e Brincantes se uniu ao Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores OKARAN e ao Maracatu Semente de Baobá, formado por jovens da Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz (CoMPaz) e fez uma pesquisa sobre *orins*^x que são os *rezos* cantados em louvor aos Orixás^{xi}.

O Coletivo de Cantantes mapeou na Música Popular Brasileira (MPB) e em outros terreiros da religião afro-brasileira cantos desta temática. O Maracatu Semente de Baobá buscou na ritualística

do terreiro da Nação Muzunguê os *rezos que viram canto* e, portanto, poderiam ser cantados fora do terreiro onde se reúnem mensalmente para suas louvações. Dessa compilação se construiu um cancioneiro que foi apresentado em 2017, 2018 e 2019 no Novembro Negro, no dia da Consciência Negra, em 20 de novembro na Faculdade de Educação e em outros espaços para os quais fomos convidadas.

O Coletivo, como já afirmamos acima, não é composto por cantoras, mas sim por *cantantes* que são educadoras populares que cantam, nas suas condições, como parte de um processo de ensinar e aprender com sentido. Como um grupo de pesquisa e extensão tivemos desde 2017 o acompanhamento e orientação de um professor de canto, discente do Instituto de Música da UFRGS e, desde 2019, de uma professora de Educação Musical da Faculdade de Educação.

Assim aprendemos nas reuniões semanais a colocar nossa voz, a compor com as outras vozes do Coletivo e adequar os cantos ao nosso timbre. Optamos por utilizar somente instrumentos de percussão nos nossos cantos e, de preferência, a cantar em roda, sem microfones, pois esse é contexto de uma escola ou comunidade rural e também a característica dos brincantes da cultura popular brasileira.

Este artigo acompanha a trajetória educativa deste coletivo de mulheres que adentrou nas manifestações culturais de um kilombo e, com a permissão desta comunidade, trouxe para a universidade e escolas da região os cantos e os *orins* ou os *rezos* cantados no terreiro em uma pesquisa-intervenção, uma nova cartografia chamada de *Quando rezo é canto, quando canto é rezo*^{xii} que nos possibilitou um mergulho na cultura afro-brasileira kilombola. Buscamos relacionar as aprendizagens nesta pesquisa à educação do campo e à educação quilombola e suas implicações para uma educação para as relações étnicas-raciais.

A metodologia: cartografia subjetiva em território kilombola

*Abre o caminho
Sentinela está na porta
Abre o caminho
Pro mensageiro passar
Kiko Dinucci - Pade*^{xiii}

Desde a antiguidade, o mapa serve para delimitar território, fronteiras, rotas, referências, reserva de recursos, grupos sociais. A cartografia no seu início esteve a serviço da colonização e de processos hegemônicos de dominação a fim de legitimar a conquista de povos e territórios. Na contemporaneidade, ao incluir os sujeitos que vivem nos territórios para a realização de mapeamentos participativos,

surge a cartografia social que pode "ser vista ora como esforço de resistência às dinâmicas da globalização, ora como instrumento de apoio à efetivação mesma dessas dinâmicas" (Acselrad, 2008, p. 10).

Deleuze e Guattari (1995) vão falar em "cartografia como um método para acompanhar processos" (Kastrup, 2015, p. 32), em que se constrói, a cada pesquisa, um dispositivo (Foucault, 2018) metodológico, teórico e analítico particular, adequado ao contexto sociocultural do território pesquisado.

Para Foucault, o dispositivo é uma rede heterogênea de práticas discursivas e não-discursivas que articulam poder, saber e produção de subjetivação em uma grade específica de análise e esta estrutura possibilita traçar relações entre estes elementos, ao fazer uma "intervenção racional e organizada nestas relações de força" (Foucault, 2018, p. 365). O dispositivo seria composto por "estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles" (Foucault, 2018, p. 365).

A cartografia (Deleuze; Guattari:1995) é uma "pesquisa-intervenção" (Kastrup et al., 2015) que nos permitiu organizar coletivamente o cancionário da pesquisa *Quando rezo é canto, quando canto é rezo* como um mapa - ainda parcial - das manifestações

culturais que ocorrem na Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, em Triunfo/RS ao mesmo tempo que nos permitiu uma pesquisa na MPB de músicas que tem como tema a louvação aos orixás.

A metodologia adotada, a cartografia subjetiva, nos permitiu entender a Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, e o modo como ela se organizou para participar da pesquisa a partir de suas características: a oralidade, a circularidade, o ensinar pela cultura, tradição e história, o fazer junto, as decisões coletivas no *ipadê* - que em yorùbá significa *encontro, união* e designa as rodas de conversa na Comunidade (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019).

Foi dentro do Território que definimos quais os cantos e rezos que melhor mostrariam os elementos da cultura e espiritualidade que foram incorporadas nos rituais do terreiro e como problematizá-los à luz das diretrizes da ERER, da Educação do Campo, em particular a Pedagogia da Cultura, a Pedagogia da Organização Coletiva e a Pedagogia da História (Caldart, 2000) e a Educação Kilombola, tal como proposta nas atividades pedagógicas da CoMPaz.

Quando rezo é canto, quando canto é rezo

*Eu canto pros antepassados
Pros meus aliados,*

*Pros meus Orixás.
Peço Ago Yê Mojubá
Pras minhas Yás
Pra saravá!
Semente de Baobá^{xiv}*

O primeiro movimento desta cartografia foi conhecer a CoMPaz^{xv}:

A CoMPaz é uma Comunidade Kilombola Espiritual, Ecológica, Sustentável, fundada em 2003 por mulheres e homens que migraram da região metropolitana de Porto Alegre para a área rural do Distrito de Vendinha, no município de Triunfo/RS, com o intuito de promover a sustentabilidade ambiental como caminho para uma melhor qualidade de vida. A CoMPaz foi reconhecida kilombola pela Fundação Cultural Palmares, conforme publicação no Diário Oficial da União de 20.05.2016, Portaria no.104 de 16.05.16. (Labrea, 2020, p. 07).

O território tem diferentes territorialidades, diferentes espaços, e neste estudo interessa em particular, o terreiro de chão batido da Nação Muzunguê.

O Muzunguê é oriundo do *kikongo*, cujo significado se aproxima da ideia de acolhimento. É um terreiro de chão batido onde se faz atendimentos espirituais, “assemelham-se às casas de Umbanda, ainda que também não seja exatamente isso – pois em um mesmo espaço-tempo ritual, manifestam-se as entidades do Batuque, do Candomblé e da Umbanda” (Flores, 2018, p.108), e tem as “preces práticas e a noção de meditação ativa ..., o não consumo de carne e de álcool, a compreensão de que o corpo é formado por pontos energéticos, os chakras, que são atribuídas ao Budismo”(Flores, 2018, p. 115). No Muzunguê há um

trabalho de recuperação dos ritos ancestrais, como, por exemplo, a introdução dos tambores nos rezos ou orins, como chamam os pontos entoados em louvação aos orixás (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 112).

Um dos aspectos fundamentais do kilombo são as narrativas porque o povo negro kilombola aprende a partir de uma hierarquia circular, nos *ipadês* com base na tradição oral e nas "vivências - entendidas como experiências coletivas que atestam o estar no mundo e a forma como os adultos se educam e educam as crianças e jovens na CoMPaz" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 110).

Assim, fomos para os *ipadês* conhecer a história, a cultura e a organização comunitária e, aos poucos, fomos também participando das celebrações e alguns ritos, incluindo o encontro mensal no terreiro para louvar os orixás, o Muzunguê.

Ao nos inserirmos na comunidade pudemos observar o terreiro, entendido como um movimento sagrado da ritualística da Nação Muzunguê. Os cantos daquele ritual são de duas vertentes, alguns *orins* são de matriz africana, principalmente aqueles cantados em yorubá e outros *rezos* são músicas muitas vezes já gravadas por artistas da MPB, como por exemplo, **Padê** de Kiko Dinucci ou **Mãe Preta** de Caco Velho e Piratini, que foram gravadas por Juçara Marçal e

Amália Rodrigues, respectivamente. Esses *rezos*, independente de sua origem, são entoados em uma ordem determinada, e no Muzunguê inicialmente se pede licença a Exu ou Bará porque, segundo as Yás, "sem Exu não se faz nada" (Labrea, 2020), e cada mês é celebrada uma entidade:

Todo primeiro sábado de cada mês há um *Muzunguê*. Cada mês corresponde a um Orixá, ou seja, o tempo está sob *guardiania* deste Orixá. Em Janeiro ocorre o Trabalho dos Homens e das Mulheres, orientado e guiado pelas pombagiras. Em fevereiro e em março a Morada da Paz fecha para o público externo, seguindo uma série de ritualísticas e *retiros* para seus membros. Em março, há o chamado *Muzunguê da Vacuidade*, dedicado aos processos de cura. Esse *muzunguê* é direcionado para pessoas específicas, e não é aberto à comunidade. Em abril os trabalhos abertos iniciam, com o *Muzunguê* de Ogum. Este é seguido, em maio, pelo das Yamis Ochorongás (chamadas de Mães Ancestrais), de Exu em junho, de Xangô em julho, de Omulu em agosto, dos Ibeji em setembro, das Mães das águas em outubro, de Iansã em novembro e, por fim, o *Muzunguê* Xamânico em dezembro, também conhecido como *Muzunguê* de limpeza... Cada *Muzunguê* tem as suas particularidades, mas o que é de praxe em todos é iniciarmos com os "orins de sustentação", cantos dedicados às entidades regentes do território, a saber, Seu Sete, Ogum Beira Mar, Yemanjá, Mãe Preta, Ibejis e, por fim, Oxalá. Após, há os *orins* dos Exus e Giras que "são para limpar". Logo iniciam-se os *Orins* da entidade que rege os trabalhos (Flores, 2018, p. 118-119).

Os *orins* de sustentação e os *pontos* do Orixá que regem os trabalhos do terreiro são entoados ao som de tambores ou *atabaques* e essa prática considerada ancestral foi incorporada na ritualística. Os *alabês* do Muzunguê fazem parte do Maracatu Semente de Baobá que leva para além do território músicas autorais e também alguns *orins* que são permitidos entoar fora do terreiro. *Alabê*, do yorubá *alagbê*, designa o responsável pelos toques rituais e pelos instrumentos musicais sagrados do terreiro.

Desde 2019, os tambores do Muzunguê são femininos. Este aspecto não é trivial, na cultura afro-brasileira é um avanço porque antigamente só se viam homens a tocar e a dançar. O kilombo é um território feminino, habitado por mulheres negras e empoderadas (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019).

Afirmamos que a CoMPaz é um território negro feminino, pois a grande maioria das moradoras são mulheres que salvaguardam a cultura matricial de seu povo. Elas nos contaram nas rodas de conversa que, aos poucos, "os homens foram indo embora" do território e as mulheres permaneceram. Essa característica não é incomum nos relatos de outras mulheres negras onde as famílias se desagregam e os homens deixam as mulheres. O que é incomum nessa narrativa é como essas mulheres subverteram uma memória histórica de discriminação em função de raça, gênero e classe social porque em seu território reconstróem essa memória a partir das atividades de cuidado que

pautam sua organização, suas estratégias educativas e de sustentabilidade comunitárias (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 113).

Ao reconhecer da MPB alguns rezos entoados no terreiro, entendemos que no terreiro *vira rezo* tudo que for cantado para homenagear os Orixás, mas nem todo rezo *vira canto* e pode ser cantado fora do terreiro. Trabalhamos no Coletivo principalmente com os compositores e cantores Kiko Dinucci e Serena Assumpção e com clássicos da MPB, principalmente na voz de Clara Nunes que trouxe para as rádios músicas de louvação aos Orixás e ao povo de terreiro já nas décadas de 1970 e 1980.

Vimos que não por acaso o samba^{xvi} é o gênero musical preferido pelos compositores que trazem o batuque para o centro da MPB, pois em sua origem, o *samba de roda* é muito semelhante ao *coco* que sincretiza o batuque africano com os cantos indígenas e esse gênero musical se tornou a principal referência musical do país desde meados da década de 1940.

Para cada *rezo* que o Semente de Baobá^{xvii} trouxe para o Novembro Negro, buscamos um canto^{xviii} correspondente. Nessa trajetória, além dos cantos que fizeram parte do cancionário das apresentações do Novembro Negro de 2017, 2018 e 2019, também revisitamos

vários outros compositores e cantores contemporâneos como Itamar Assumpção, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Martinho da Vila, Roberta Sá, Paulinho da Viola, Vinicius de Moraes e Baden Powell, Jamelão, entre outros.

Embora a maioria dos *orins* sejam absolutamente contemporâneos, oriundos de compositores conhecidos da MPB, ao adentrarem no terreiro viram *rezos* e são incorporados às memórias e à tradição do povo de santo que assim são reinventadas e constantemente atualizadas.

Esse movimento entre *o novo* e *o velho, o que era* e *o que está sendo* mostra que a cultura é viva e está em constante movimento de reconfiguração. O terreiro nesse sentido sinaliza o encontro entre a tradição e a renovação desta tradição, é um espaço de *entremeio*, onde circula a história e a memória da comunidade que vai ao encontro da contemporaneidade e aponta para futuros possíveis.

Um aspecto importante a destacar nessa pesquisa foi a percepção de que todo *rezo* vinha acompanhado de uma história ou *itan*, que em yorubá se refere ao conjunto de todos os mitos, histórias e músicas desta cultura e tem como base a oralidade. Os *itan* do kilombo não haviam sido registrados textualmente e este trabalho está sendo desenvolvido aos poucos, sob orientação de Mãe Preta,

principalmente em função do trabalho cartográfico do Coletivo OKARAN.

A base oral da história e cultura afro-brasileira e africana influenciam também sua musicalidade e os *rezos* são entoados e podem ser substituídos sem um registro escrito dessa passagem. As motivações e os critérios de inclusão e exclusão de *rezos* fazem parte da história e memória oral e sinalizam um aprofundamento em alguma questão específica da espiritualidade da CoMPaz, que chega através da manifestação dos Orixás que guiam os trabalhos do terreiro.

Mãe Preta tem um papel de *guiança* importante, pois não foram poucas as vezes que vimos que ela iniciou um outro rezo que ela preferiu ao que inicialmente estava planejado apresentar no Muzunguê. Mãe Preta, a entidade que guia a tomada de decisões do território, muitas vezes traz rezos novos para o Muzunguê e com isso enfatiza alguma questão do momento. "Mãe Preta é uma preta velha que acompanha há mais de 20 anos Yashodhan, a Sangoma, guia espiritual e guardiã da cosmovisão da Nação Muzunguê, a Yá que guarda e comanda os ritos no terreiro" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 112). Junto com Seu Sete, um Exu-Rei, são considerados o pai e mãe da Comunidade.

As músicas em yorùbá nunca foram escritas, algumas não têm título e são

passadas de uma geração a outra, ao *pé de ouvido*, nos diferentes terreiros onde são entoadas, e fazem parte do processo de iniciação em um terreiro. A memória musical do território é longa e remonta a sua ancestralidade, e de muitos *rezos* não se sabe a autoria.

Nossa presença em um kilombo, durante três anos, foi de diferentes formas transformadora, pois esse espaço educativo foi desafiador e nos desacomodou, pois lá vimos e participamos de práticas educativas que nos *tiraram da forma*, dançamos e cantamos, compartilhamos o alimento, participamos de oficinas, rimos e choramos com a profundidade e a delicadeza dos ritos, e todo o conjunto dessas atividades nos fez estar mais atentas para as manifestações culturais das populações do campo, em especial da cultura negra e kilombola.

A pesquisa partiu de realidade concreta, foi vivenciada intensamente e, seguindo o método cartográfico, nos deu *pistas* importantes para pensarmos, junto com a CoMPaz, o que aproxima a Educação do Campo e a Educação Kilombola que esta comunidade defende e preconiza.

A encruzilhada onde a Educação do Campo e a Educação Kilombola se encontram

Exú é o começo

*Atravessa o avesso
Exú é o travesso
Que traça o final
É o laço e o atalho
É o braço e a mão
Do falho e do justo
Exu é o custo
Do movimento
O tormento do ser
Que não é
Exú!*

Serena Assumpção^{xix}

A Educação do Campo (EdoC) surge tanto para "denunciar a desigualdade econômica, social, cultural e cognitiva que estão sujeitas as famílias camponesas, desumanizando-as", quanto para propor uma mobilização por uma nova escola no/do campo, "necessária, vinculada e vinculante à realidade do viver camponês, enraizada nos territórios e comprometida com a mudança do atual modelo de desenvolvimento socioeconômico" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2018, p. 153-154).

Esse enraizamento que vincula as atividades realizadas na escola do campo aos saberes e fazeres da comunidade na qual ela está inserida, aponta para novos desenhos pedagógicos que, em nossa leitura, estão sintetizados com muita clareza em Caldart (2000), quando ela descreve as Pedagogias do Movimento Sem Terra, na qual afirma que a "escola é mais que escola", ampliando as territorialidades da produção e difusão de conhecimento, para além da escola e

constatando que a comunidade e a família também educam e seus saberes e fazeres devem ser tematizados em sala de aula.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, instituídas pela Resolução no. 1 de 3 de abril de 2002, validam esse entendimento sinalizando que as escolas do campo irão contemplar a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia (Brasil, 2012, p. 34):

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Brasil, 2012, p. 33).

Assim, foi na EdoC que procuramos inicialmente dispositivo teórico e analítico para desenvolver as atividades propostas neste projeto de pesquisa e extensão universitárias, principalmente amparadas na leitura de Caldart (2000), relacionando a pedagogia do Movimento Sem Terra às vivências coletivas no kilombo. Foram chaves de leitura a Pedagogia da Organização Coletiva, a Pedagogia da Cultura e a Pedagogia da História, que descreveremos brevemente abaixo.

A Pedagogia da Organização Coletiva fala sobre como o Sem Terra se educa ao enraizar em uma coletividade em movimento. Caldart fala do esforço intencional de um grupo social para se constituir em um sujeito coletivo que tem uma agenda de lutas em comum (Caldart, 2000, p. 215).

Dadas às devidas proporções, vimos que os kilombolas também se educam a partir de um profundo enraizamento, de uma imersão no estudo de suas tradições, de sua história, de sua cultura e de uma coletividade que está sempre em movimento, não só entre si, mas com grupos parceiros que podem ajudar a alavancar processos no kilombo.

A organização da comunidade é uma hierarquia circular, há diferentes grupos que dialogam: as Yás e o Baba, as mais velhas e o mais velho da comunidade, fundadores da comunidade e responsáveis pelas principais decisões; as Egbomis, as irmãs mais velhas da comunidade; as Iaós, as iniciadas mais novas. Há também os Odomodês, os jovens, os Omadês, as crianças (Flores, 2018, p. 16).

As decisões são tomadas nos Ipadês, círculo de diálogos, "onde todos, desde os pitocos às Iyás falam e escutam e as entidades protetoras do território indicam caminhos possíveis" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 114).

Essa imersão na cultura remete à Pedagogia da Cultura que mostra que o Sem Terra se educa ao cultivar um modo de vida produzido pelo Movimento (Caldart, 2000, p. 227). No kilombo esse modo de vida se traduz na utopia do Bem Viver: "o território, seu terreiro e as diferentes territorialidades têm suas regras, uma ética e uma estética: produzem cultura, educam, tem uma economia que garante sua sustentabilidade e simbologia" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 117).

O Kilombo realiza um trabalho de recuperação da sabedoria ancestral africana e afro-brasileira, que relacionamos com a ideia de Bem Viver que é um "processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a natureza" (Acosta, 2016, p. 24) e assim dialogam com um saber tradicional, matricial, crítico e autocrítico, contextual que permite gestar "projetos produtivos de caráter autossustentáveis e emancipatórios que buscam transformar e transcender a realidade" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 117).

A Pedagogia da História fala de como a Pedagogia da Organização Coletiva educa, preservando sua memória e sua história, sendo um desdobramento da Pedagogia da Cultura (Caldart, 2000, p. 232-233). Os kilombolas têm um

cuidadoso trabalho de preservação da memória de seus ancestrais, seja na manutenção da ritualística, seja nas estratégias pedagógicas para a difusão e valorização dos conhecimentos produzidos no quilombo, seja na afirmação de sua identidade. Em nosso entendimento, o quilombo e o terreiro são espaços educativos que relacionam essas três dimensões pedagógicas e se encontram com a Educação Quilombola e a EREER.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Brasil, 2012b) convergem sobre essas três dimensões pedagógicas a partir dos seus fundamentos:

- a) da memória coletiva; b) das línguas reminiscentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade (Brasil, 2012b, Art. 1o., §1o, I, p. 3).

A Educação Quilombola, desde a formulação, defende que sua implementação deve ser articulada à EdoC e à Educação Indígena "reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade" (Brasil, 2012b, Art. 1o., §1o, VI, p. 3).

As escolas do campo atendem estudantes oriundos de quilombos porque eles integram as populações do campo. Os princípios da educação escolar quilombola dialogam com a EdoC, embora contemplem especificidades da história e cultura afro-brasileira, seus saberes e fazeres tradicionais, e a diversidade étnico-racial (Brasil, 2012b, Art.7o., p. 5).

Na nossa leitura, a *encruzilhada* onde EdoC e Educação Quilombola se encontram passa pela possibilidade da ampliação do espaço escolar, *a escola é mais que escola*, na percepção de que todo o quilombo é um espaço educativo, onde os mais novos e os mais velhos se educam reciprocamente nas diferentes territorialidades do quilombo, pois este local é simultaneamente local de morada, espaço cultural, ponto de cultura, horta e produção de agricultura familiar, terreiro, espaço de preservação ambiental, escola^{xx}, brinquedoteca e biblioteca.

Passa também pelo entendimento de que há diferentes tempos educativos, que na EdoC caracterizam a Pedagogia da Alternância (Caldart, 2000) e que no quilombo se mostram na valorização das diferentes temporalidades como transmissoras de saberes e fazeres que estruturam o quilombo e que pautam a organização curricular a fim de ofertar uma educação básica imersa na (pedagogia da)

cultura, (pedagogia da) história e na (pedagogia da) mobilização comunitária.

O encontro da EdoC com a Educação Quilombola, no kilombo de Mãe Preta, permite um enraizamento profundo na história e cultura afro-brasileira, nos vários saberes, fazeres e tecnologias sociais que são produzidos no cotidiano da CoMPaz. Seus saberes e fazeres dialogam com o senso de continuidade, com a oralidade, respeitam a ancestralidade, todos aprendem com todos, desde os mais novos aos mais velhos, todos têm voz nessa hierarquia circular na qual tudo está conectado com a espiritualidade que compõe aquele *Ilé*, que significa casa em yorùbá.

E é no terreiro, onde se conecta esse coletivo à sua história e sua cultura, que a riqueza da identidade quilombola se mostra com mais evidência, pois no terreiro toda a comunidade, desde os mais novos aos mais velhos, vive e se expressa com liberdade e sem preconceitos.

Há uma pedagogia que permeia todas as ações do terreiro de chão batido e de toda a CoMPaz, denominada no kilombo de Pedagogia do Encantamento que fala do modo amoroso como o kilombo se organiza para educar os mais velhos e os mais novos, por meio deste resgate e da reinvenção das tradições, história e cultura afro-brasileira e articulada aos modos de

produzir e de sustentação das atividades desenvolvidas na CoMPaz.

Os quilombolas, com a Pedagogia do Encantamento, defendem um projeto de escola intercultural, humanizada e humanizadora, de cunho emancipatório, construída a partir do diálogo que a comunidade mantém "com a universidade e com o conhecimento formal e as orientações de Mãe Preta, Seu Sete e os Orixás que frequentam o território" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 116).

A Pedagogia do Encantamento é pautada na diversidade e nos direitos dos homens, mulheres e crianças, e para isso batalham por uma *educação do campo quilombola*, que ofereça alternativas credíveis para permanecerem e fortalecerem a comunidade.

Os quilombolas se educam para "reafirmar seu modo de ser e viver, ancorado na espiritualidade onde o passado é honrado e valorizado porque contém e perpetua a experiência social dos mais velhos e dos ancestrais a partir das narrativas e vivências" (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 116).

Em nosso entendimento essa Pedagogia atesta a possibilidade de uma Educação do Campo Kilombola.

A Educação do Campo Kilombola, enraizada na CoMPaz e que trata de seus processos de ensino e

aprendizagem surge da necessidade de uma educação biocêntrica, intercultural, baseada na diversidade, na cooperação e nos direitos humanos, que contemple a história e a tradição dos povos africanos que compõem a população brasileira e pode ser entendida como possibilidade de acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade e direito à memória e história.

A Educação do Campo Kilombola possibilita o acesso a tecnologias e experiências sociais que podem ajudar na qualidade de vida no kilombo e se contrapor aos ataques de fundamentalistas e à criminalização dos terreiros e kilombos (Labrea, Dornelles & Kiekow, 2019, p. 116).

Considerando a proposta da Pedagogia do Encantamento e de uma Educação do Campo Kilombola, que articule os princípios e fundamentos de cada modalidade para melhor atender às necessidades e especificidades do kilombo, podemos inferir a importância de uma pesquisa realizada em parceria entre o kilombo e a universidade sobre os *orins* que podem ser cantados fora do terreiro. Consideramos que essa pesquisa produziu um conhecimento contextual, enraizado nas tradições, memórias e história dos membros desta comunidade e exigiu um mergulho profundo na espiritualidade e nos ritos dos povos de terreiro, em particular na Nação Muzunguê.

Com cuidado e respeito criamos o cancionário desta pesquisa com a intenção de que ele fosse apresentado em espaços da

universidade e em escolas onde transitam negros e brancos e problematizado em *oficinas temáticas de desformação* - entendidas como espaços para *sair da forma* (academicista) e trabalhar o diálogo entre os saberes, de forma circular, em rodas de conversa, - que denominamos Encontros Dialógicos.

A fim de estudar junto com o kilombo os temas que foram surgindo nesses Encontros, organizamos em 2017 o Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN, composto por membros da CoMPaz e educandos da EduCampo, e desenvolvemos o projeto de pesquisa e extensão universitárias *Pedagogia do Encantamento e Economia do Afeto: cartografia subjetiva em território feminino kilombola* até 2020 (Labrea, 2020).

Nestes Encontros, realizados mensalmente, no segundo semestre de cada ano (2017, 2018 e 2019), alternávamos o local dos encontros entre o kilombo e a UFRGS, a fim de que o público pudesse circular nesses dois espaços.

A proposta foi mostrar aos participantes as tecnologias sociais que a CoMPaz estava desenvolvendo, a partir de várias parcerias, com diferentes universidades, como a UFRGS, a Universidade FEEVALE de Novo Hamburgo e UNISINOS de São Leopoldo.

Além das educadoras da comunidade e do Coletivo OKARAN, convidamos várias pessoas com trabalhos em temas afins, para podermos dialogar com educadores, gestores de escolas e educandos e educandas da EduCampo e das demais licenciaturas da Universidade para um diálogo circular, sem mesas ou lugares de fala fixos, para nos tirar da forma do academicismo e da hierarquização dos saberes. Nos encontros fizemos rodas de conversa nos seguintes temas:

- Etnoludicidade - o brincar nas/das comunidades quilombolas e indígenas;
- O ensino da História, Literatura e Cultura Africana e Afro-brasileira: um diálogo entre a Educação Kilombola da CoMPaz e a escola tradicional;
- Territorialidades de resistências;
- Território quilombola: vivências, lugar e espaço;
- Escola CoMKola Kilombola na contra-marcha do processo de educação do Estado brasileiro;
- Quando o orixá é curador do corpo e da mente: a visão de saúde integral de CoMPaz;
- Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar numa comunidade quilombola;

- Do quilombo com q ao kilombo com k: território de resistência e resiliência;
- Na minha casa toda forma de amor é sagrada: gênero e identidade;
- A corporeidade no processo de crescimento da criança;
- A cosmovisão afrobudígena no quilombola: um jeito de ser e viver CoMPaz;
- A Pedagogia do Encantamento da Epé Láyié: educar encantado com afeto e amor, tendo como força motriz os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros;
- Pedagogia do Encantamento e Ekonomia do Afeto: cartografia subjetiva em território feminino quilombola.

Também foram oferecidos vários cursos de *desformação* no quilombo, aos sábados, nos seguintes temas:

- Disponibilidade: a espiritualidade no cotidiano;
- A morada é curandeira: o Orixá como curador;
- Projetos de vida: na minha encruzilhada quem manda sou eu!;
- Desformação - Educação do Campo Kilombola: aprender e ensinar a cultura afrobrasileira fora da forma.

Nestas duas atividades formativas, todos os temas foram abordados

considerando as DCN da EREER, da Educação do Campo e da Educação Quilombola.

Para implementarmos os princípios da Educação do Campo Kilombola, entendemos que é necessária *uma reeducação das relações entre negros e brancos* (Brasil, 2004, p. 13), como preconizada nas diretrizes da EREER.

As atividades desenvolvidas nesta pesquisa colaboram para o enfrentamento do racismo e a valorização da contribuição das populações afro-brasileiras na história e cultura do país.

Para finalizar, retomamos o objetivo deste artigo, descrever e analisar a trajetória educativa do Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo junto aos quilombolas da Comunidade Morada da Paz, em particular o Coletivo Okaran e o Maracatu Semente de Baobá, na construção de um cancionário que trouxe os *rezos* do terreiro e canções da MPB para louvação dos Orixás para serem conhecidos e debatidos na universidade e escolas por meio de oficinas de *desformação*.

Trouxemos os quilombolas, através do Coletivo OKARAN, todos os semestres para a UFRGS, entre 2017 e 2019, para o que chamamos de oficinas de *desformação* que buscam *tirar da forma e pensar fora da caixa* a fim de questionar o racismo e o

mito da democracia racial que ainda persistem em habitar a escola e a universidade.

Nessas oficinas vimos que falta, na formação dos futuros educadores e educadoras, conhecimentos consistentes, materializados através de disciplinas em seus cursos de licenciaturas, que os habilitem a trabalhar dentro de suas áreas com a história e cultura afro-brasileira e africana, e a mediar e direcionar positivamente as relações étnico-raciais que surgem em ambiente escolar e "criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las" (Brasil, 2004, p. 16).

Há ainda uma lacuna na formação dos professores que vai para além do currículo que os mobilize para a reeducação de brancos e negros que a EREER preconiza e por isso é importante que os grupos de pesquisas, articulados com o movimento negro, continuem pautando a universidade para abertura de novos espaços de interlocução entre a academia, o movimento e o quilombo.

A pesquisa *Quando rezo é canto, quando canto é rezo* buscou combater o racismo por meio da celebração e problematização da cultura e história do povo de terreiro, mostrando a beleza e profundidade da sua espiritualidade, a

força dos tambores femininos, dos cantos e danças em homenagens aos Orixás.

Axé!

A universidade ainda tem muito que avançar a fim de incorporar, ao menos em seus cursos de licenciatura, os princípios da EREER em seus currículos e planos de ensino, mas ao mesmo tempo, possibilita espaços para pesquisas e atividades extensionistas que permitem a produção de algum conhecimento sobre essas populações do campo e que mobilizam uma parte da comunidade acadêmica.

Considerando todos os aprendizados compartilhados no kilombo de Mãe Preta, defendemos uma Educação do Campo Kilombola que se pautar por uma aprendizagem ativa tendo como base um saber tradicional, matricial, crítico e autocrítico, contextual que permite gestar projetos de caráter emancipatórios que buscam transformar e transcender a realidade, através de práticas antirracistas e que defendam a diversidade sociocultural.

Esperamos que nossa pesquisa tenha contribuído, ao menos parcialmente, para dar visibilidade a uma proposta de educar pela mobilização social, pela cultura e pela história, revelando as potencialidades, as contribuições, as articulações, as novas configurações, os alcances, os desafios, os limites e as tensões que a produção de um conhecimento crítico sobre o kilombo, com o kilombo, do kilombo pode visibilizar.

Referências

Acosta, A. (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. SP: Editora Elefante. <https://doi.org/10.7476/9788578794880.0006>

Acselrad, H. (Org.) (2008). *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRGS.

Caldart, R. S. (2000). *Pedagogia do movimento sem-terra*. SP: Editora Expressão Popular.

Cunha, A. G. (2007). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Lexikon.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 11. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. (2004). Brasília, MEC/SECADI.

Flores, L. D. (2018). *Ocupar: composições e resistências kilombolas* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Foucault, M. (2018). *Microfísica do poder*. RJ/SP, Paz e Terra.

Hawany, T. (2017). Àdùrà, oríkì, ọfò, ìtàn e orin. Recuperado de http://www.thonyhawany.com/2017/02/a-dura-oriki-fo-itan-e-orin_16.html.

Jost, M. (2015). A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas. *Revista do Instituto de*

Estudos Brasileiros, 62, 112-125.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p112-125>

Kastrup, V., Passos, E., & Escossia, L. (2016). *Pistas do método da cartografia: a experiência e o plano comum*. Porto Alegre, Sulina.

Kastrup, V., Passos, E., & Escossia, L. (2015). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre, Sulina.

Labrea, V. V., Sousa, G., & Ferreira, A. (2017). A mística na educação do campo e sua interlocução com a ecologia dos saberes: apontamentos de percurso. In *Anais do III SIFEDOC*, UFFN: Erechim/RS.

Labrea, V. V., Dornelles, D. F., & Kiekow, P. E. (2018). Cartografias da EduCampo: alternância, trabalho e estratégias para conter a evasão. *RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade*, 3(4), 151-170.
<https://doi.org/10.29404/rtps-v3i4.3634>

Labrea, V. V., Kiekow, P. E., & Dornelles, D. F. (2019). Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver. *Cadernos do Lepaarq*, 26(31), 107-120.
<https://doi.org/10.15210/lepaarq.v16i31.14836>

Labrea, V. V. (2020). *Pedagogia do Encantamento e Economia do Afeto: cartografia subjetiva em território feminino kilombola*. Relatório Final do Projeto de Pesquisa e Extensão. Porto Alegre, FAGED/UFRGS.

Lei no. 11645 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e

Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, D.O.U. de 11.03.2008.

Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, D.O.U. de 10.1.2003.

Marcos Normativos da Educação do Campo. (2012). Brasília: MEC/SECADI.

Prandi, R. (2001). *Mitologia dos Orixás*. SP: Companhia das Letras.

Ribeiro, D. (2017) *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte, Letramento.

Resolução no. 342, de 11 de abril de 2018. Consolida as Diretrizes Curriculares da Educação Básica nas Escolas do Campo e estabelece condições para a sua oferta no Sistema Estadual de Ensino. Porto Alegre, Conselho Estadual de Educação.

Resolução no. 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, MEC/CNE.

UFRGS. *Novembro Negro*. Recuperado de: <https://www.ufrgs.br/novembronegro/que-m-somos/>. Acesso em 19/03/2020.

UFRGS. (2013). *Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo*. Porto Alegre, FAGED/Programa Especial de Graduação.

UFRGS. (2018). *Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo*. Porto Alegre: FAGED/Programa Especial de Graduação.

ⁱ A Comunidade Kilombola Morada da Paz (CoMPaz) usa a grafia de kilombo e kilombola com k, pois busca capturar um outro sentido, ligado à etimologia da palavra, ressignificando politicamente estes termos, antes associados historicamente a processos de colonização e ao capitalismo e, agora, redefinidos, falam da experiência social da CoMPaz. Entendemos que kilombo, grafado com q é uma adaptação do colonizador ao termo africano e a usaremos sempre que citarmos textos de outros autores que foram grafados desse modo. Mas para designar o Território de Mãe Preta, suas práticas e processos educativos e de sustentabilidade, iremos grafar *kilombo* com k a fim de afirmar que estamos em uma disputa que é política e linguística, para que se recupere o sentido africano da palavra (Labrea et al., 2019, p. 109).

ⁱⁱ Padê Onã é um canto contemporâneo que virou rezo e como todo louvor aos Exús ele abre os cantos na roda. É um canto de *chegança*, como dizem no kilombo, ele abre os caminhos.

ⁱⁱⁱ Sobre esse tema sugerimos a leitura de Labrea, V. V.; Sousa, G; Ferreira, A. A mística na educação do campo e sua interlocução com a ecologia dos saberes: apontamentos de percurso. *Anais do III SIFEDOC*, UFFN: Erechim/RS, 2017.

^{iv} Um mapeamento inicial realizado no âmbito do Grupo de Trabalho Direitos Humanos, EREER, Inclusão e Educação Ambiental da Coordenadoria das Licenciaturas (COORLICEN) da UFRGS mostrou que dos 25 cursos de licenciatura (18 presenciais e 07 em EaD) apenas 2 têm disciplinas obrigatórias que contemplam a EREER. Estes dados são analisados em um artigo que atualmente está no prelo.

^v É importante destacar os sentidos de raça e etnia que são defendidas nas "relações étnico-raciais" apresentadas pelo MEC: o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de

mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática (Brasil, 2004, p. 13).

^{vi} No PPC da EduCampo, "a concepção de temas transversais, neste projeto, é entendida na perspectiva apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Básica" (UFRGS, 2013, p. 13).

^{vii} "Os eixos temáticos possibilitam uma estrutura curricular flexível e dinâmica na medida em que favorecem um diálogo entre a realidade local e o conhecimento acadêmico. ... Nesta perspectiva, os eixos temáticos orientam a interdisciplinaridade, promovendo a construção de conhecimentos pedagógicos nas relações entre saber social e saber escolar" (UFRGS, 2013, p. 14).

^{viii} "Os temas geradores, por sua vez, norteados pelos eixos temáticos, problematizam questões, dúvidas e discussões desafiadoras oriundas do diálogo entre a prática social e os saberes produzidos. Tais temas interligam-se e constituem uma rede de subtemas que acenam interdisciplinarmente para uma totalidade" (UFRGS, 2013, p. 14).

^{ix} Em 2018 foi apresentado o novo PPC da EduCampo resultante de um processo de redesenho curricular que contou com a participação de todos(as) os(as) docentes e discentes do curso. A disciplina de Diversidade Cultural: perspectivas antropológicas teve sua bibliografia atualizada e contempla povos indígenas e diferenças culturais. Foram incluídas as seguintes disciplinas obrigatórias alternativas: Cultura Musical Afro-Brasileira; Educação das relações étnico-raciais e interculturalidade; Saúde, Meio Ambiente e a Cosmovisão Afro Indígena (UFRGS, 2018) que contemplam as demandas deste coletivo pelos temas da EREER. Este novo currículo será implementado a partir da entrada da turma 4 com entrada prevista para 2021/1.

^x No caso das religiões de matriz africana, com ênfase para as de origem yorùbá, os orins são o conjunto de louvores que compõem o *şiré* - festa-, de um ou de vários *òrişà*. Os orins evocam os *òrişà* no dia do seu *şiré*. Cada *òrişà* possui o seu conjunto de orins, cujo número total não se tem notícia. No dia das festas, vê-se frequentemente, cantar três, sete, quatorze ou vinte cantigas para cada *òrişà*, no entanto, é possível que o *şiré* seja feito com outro número qualquer de cantigas a depender do *òrişà* celebrado (Hawany, 2017). A palavra orin, segundo Hawany, significa cântico e serve para se referir a qualquer música, quer seja profana, quer seja sagrada.

^{xi} Os Orixás, do yorùbá Òrìṣà, são deuses que receberam de Olurum, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por um aspecto da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana (Prandi, 2001, p. 20).

^{xii} Este título foi inspirado no cd de Roberta Sá, Quando o canto é reza, de 2010.

^{xiii} Padê é um *canto que virou rezo* que abre os trabalhos no terreiro da Nação Muzunguê. Assim como Padê Onã, ambas de Kiko Dinucci, são cantos de louvor aos Exús.

^{xiv} Este orin, composto pelo Maracatu Semente de Baobá, é entoado no terreiro da Nação Muzunguê, em louvor às Yás ou as mães do Território de Mãe Preta.

^{xv} Para conhecer mais detalhadamente essa cartografia sugerimos a seguinte leitura: Labrea, V. V., Kiekow, P. E., & Dornelles, D. F. (2019). Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver. *Cadernos do Lepaarq*, 26(31), 107-120.

^{xvi} Para conhecer um pouco mais dessa questão, sugerimos a seguinte leitura: Jost, M. (2015). A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 62, 112-125.

^{xvii} Orins entoados pelo Semente de Baobá: Padê de Kiko Dinucci, Balogum Oxum de Cris Pereira e Beto da Xambá, Yemanjá Mães D'água Yeyê Omó Ejá de Margarete Menezes, Galo Macuco da Tia Maria do Jongo (Jongo da Serrinha) e orins em yorùbá que não foram escritos mas passados oralmente na ritualística e só entoados nesse contexto.

^{xviii} Padê Onã do Kiko Dinucci; Oxum, Iemanjá e Iansã de Serena Assumpção; Na boca da mata do Guitinho da Xambá; Canto das três raças de Mauro Duarte e Paulo Pinheiro. O Cancioneiro do *Quando rezo é canto, quando canto é rezo* é formado pelos cantos do Coletivo de Cantantes e pelos *rezos* do Semente de Baobá.

^{xix} Exú, de Serena Assumpção, é um *canto que vira rezo* e aponta a encruzilhada como um lugar de encontros, de entremeio e é neste espaço que defendemos uma Educação do Campo Kilombola.

^{xx} A CoMPaz está desenvolvendo desde 2013 o projeto político pedagógico da Escola Comunitária Kilombola *Epé Layie*, que em yorùbá significa terra viva.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 29/04/2020

Aprovado em: 10/10/2020

Publicado em: 17/05/2021

Received on April 29th, 2020

Accepted on October 10th, 2020

Published on May, 17th, 2021

Contribuições no Artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Labrea, V. V., & Reis, D. R. S. (2021). Quando rezo é canto, quando canto é rezo: trajetória educativa de um Coletivo de Cantantes e Brincantes na Educação do Campo Kilombola. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e9057. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e9057>

ABNT

LABREA, V. V.; REIS, D. R. S. Quando rezo é canto, quando canto é rezo: trajetória educativa de um Coletivo de Cantantes e Brincantes na Educação do Campo Kilombola. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 6, e9057, 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e9057>